

---

## **A desumanização do feminino no mercado de entretenimento adulto em rede. A mulher ideal está em algum lugar entre Emily Pellegrini e Alicia Code?<sup>1</sup>**

Carolina Stephany de Souza Cassoli<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Este artigo busca evidenciar a relação desenvolvida entre o fenômeno socioeconômico da plataformização do trabalho e a desumanização de mulheres que atuam no *webcamming* – um dos braços do mercado do sexo no digital –, através da análise qualitativa do contexto em que “mulheres ideais” geradas por Inteligência Artificial emergem como *camgirls*, forjando novas identidades digitais. A partir da observação do surgimento destas figuras, observou-se que há um padrão na elaboração destas mulheres. Conclui-se que a existência destas figuras contribui para a redução do corpo feminino às performances de gênero sugeridas por Butler (2023), além de reforçar o quadro de precarização em que estão inscritas as *camgirls*.

**Palavras-chave:** *webcamming*; inteligência artificial; plataformização do trabalho; corpo; gênero.

### **Introdução**

Marcada pela predominância da Inteligência Artificial (IA), a Quarta Revolução Industrial se desenrola segundo a aceleração tecnológica. A partir do desenvolvimento de novas tecnologias, especialmente as relacionadas à informação e comunicação (TICs) no digital, as soluções móveis tornaram-se parte da rotina diária das pessoas, influenciando, mediando e até mesmo determinando suas ações no que se pode chamar de “mundo real”.

No virtual, a consolidação de uma vida híbrida tem levado à reprodução das interações estabelecidas fora das redes, como a institucionalização de cenários, discursos e comportamentos que replicam as relações de poder que, assim como apontou Foucault (2004), transpassam todos os indivíduos e circulam entre eles.

No campo da cibercultura, o desenvolvimento estratégico das TICs evidencia mudanças nos costumes das pessoas, desde a maneira com que interagem até a forma com que se entretêm (Santaella, 2003). Sob o mesmo argumento, Suzina (2022, p. 30) aponta que as tecnologias digitais também são responsáveis por mudanças culturais significativas, levando a uma ruptura na realidade em todos os âmbitos, inclusive no que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP15 - Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM/UFRJ, e-mail: carol.cassoli@ufrj.br.

diz respeito à economia. Isso tendo em vista que o capital produz, incentiva e circula sujeitos neoliberais (Dardot e Laval, 2016), que, inseridos em um mundo heterogêneo, são sintetizados por fenômenos como a financeirização, a midiaticização e a dataficação (Grohmann, 2019).

Com a Quarta Revolução Industrial, novos modelos de negócios baseados nessa alta tecnologia têm potenciais diversos e antagônicos, podendo ajudar a reduzir a desigualdade em regiões subdesenvolvidas ou criar grandes monopólios globais, uma vez que são capazes de diminuir os custos de operação de grandes empresas, permitindo a potencialização de economias em escala (Magalhães e Vendramini 2018, p. 41). Aqui, o fenômeno da plataformização surge como “um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho, também compreendida como uma tendência passível de se generalizar no âmbito das relações de trabalho” (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021, p. 27) à medida em que o esfacelamento das relações trabalhistas se consolida como realidade em grande parte das profissões, espalhando-se cada vez mais para outras áreas da vida – que, em um regime neoliberal de vivências, confunde-se e resume-se constantemente ao trabalho.

Este fenômeno, marcado pela operação de plataformas produtoras e dependentes de ciclos viciosos em rede, com subsídio cruzado e cujos projetos foram pensados para atrair usuários, se caracteriza pelo dinamismo atingido através da precarização das condições oferecidas ao trabalhador que, transformado em empreendedor, se vê diante de baixa remuneração, insegurança e falta de espaço para se mobilizar (Kalil, 2020).

Neste cenário, percebe-se a emersão de nichos pouco observados em mercados já consolidados. É o caso do mercado do sexo, que, dentre várias outras formas de existir, encontrou no *webcamming* (ou simplesmente *camming*) mais uma maneira de se manter. Resultado de um processo ligado à hiperindustrialização responsável por dissolver e desumanizar a sociedade, tornando-a cada dia mais dependente de ferramentas tecnológicas que automatizam a vida (Grohmann, 2020), controlando as decisões humanas, o *camming* é um trabalho de plataforma precarizado (Caminhas, 2024).

A compreensão que se tem em torno desta ocupação gira em torno de dois quadros referenciais principais: o da prostituição e o da pornografia. Isso devido às ambiguidades que a profissão carrega em relação a estes dois produtos culturais, embora seus resultados sejam profundamente singulares e se distanciem de ambas as práticas, sendo, ainda, marcada por características como a volatilidade, a informalidade e a insegurança

(Caminhas, 2024). Nesta profissão, as *camgirls*<sup>3</sup> desempenham um trabalho relacionado ao sexo, através de sua exposição em plataformas de mídia sexual por meio de transmissões de vídeo interativas ou mesmo por meio do oferecimento de conteúdos que podem ser personalizados de acordo com o desejo do cliente (Veiga; Almeida, 2023).

Por meio deste contexto, uma série de atravessamentos contribui para a desumanização das *camgirls*, que, além de encararem diretamente um mercado de trabalho sem estrutura ou segurança, também têm lidado mais recentemente com um novo fenômeno: o cadastramento de modelos geradas por IA nas plataformas de entretenimento adulto.

O objetivo deste estudo é, portanto, avaliar se este produto tecnológico contribui para a construção de novas identidades digitais, que, por sua vez, podem vir a favorecer a objetificação do corpo feminino. Para isto, observou-se o cenário em que duas personalidades geradas por Inteligência Artificial surgem na internet e como sua presença neste espaço de convívio digital repercutiu jornalisticamente. A análise deu-se de acordo com uma metodologia quali-interpretativa e buscou se desenvolver como um estudo de caso, tendo em vista que os estudos de caso são mais flexíveis para a representação de objetos ainda em ascensão (Ventura, 2007), como é o caso das modelos geradas por IA.

### **Um corpo é um corpo?**

Na pós-modernidade, os debates relacionados aos corpos perpassam, também, a sexualidade. Butler (2023) explica que o entendimento geral que se tem sobre o tema está relacionado, na verdade, a um debate circular voltado à compulsoriedade da tríade sexo/gênero/desejo, que guia a sociedade em direção a uma expectativa performativa binária e indivisível, forjada segundo o olhar masculino que, integrante deste quadro, subjuga não apenas o feminino, mas também quaisquer corpos divergentes da estrutura normativa. Incluem-se, aqui, os corpos que não performam gênero e aqueles que, mesmo performando, dissidem da norma vigente (Louro, 2018).

Para Louro (2018), ao se apresentarem como formações discursivas, as feminilidades e masculinidades refletem a forma como a sociedade delinea e limita o terreno da sexualidade, estabelecendo fronteiras para as múltiplas formas de experimentar

---

<sup>3</sup> profissionais de *webcamming*; majoritariamente mulheres

prazeres e desejos. Assim a determinação do posicionamento de um indivíduo na sociedade é profundamente influenciada por suas características corporais; seus distintivos culturalmente marcados como símbolos de detenção ou sujeição ao poder.

Historicamente, a divisão entre masculino e feminino emerge como uma das divisões sociais mais fundamentais, reforçada por discursos que, ao longo do tempo, afastam o corpo da ideia de um “microcosmo de uma ordem maior” para situá-lo como um objeto de controle estatal (Louro, 2018). À medida que os estados se tornam mais organizados politicamente, intensificam-se as preocupações com o controle da população, impulsionando medidas de disciplinarização da família, da reprodução e das práticas sexuais, de modo que o corpo, outrora dócil, vê em sua nudez – agora tida como indomável – um avatar da docilidade (Gatto, 2022). Nesse contexto, as mulheres passam a ser vistas como portadoras de uma sexualidade dúbia e ameaçadora, o que reforça ainda mais a regulação e o controle sobre seus corpos:

Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenham se constituído na referência para estabelecer o que era ou não apropriado, saudável ou bom. Nascia a sexologia. Inventavam-se tipos sexuais, decidia-se o que era normal ou patológico e esses tipos passavam a ser hierarquizados. Buscava-se tenazmente conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, reger e disciplinar a sexualidade (Louro, 2009, p.88).

Simultaneamente, os corpos lidam, ainda, com sua inscrição subjetiva no neoliberalismo (Foucault, 2008), o que os leva a confrontar poder e cultura, provocando alterações no entendimento que têm sobre si e sobre sua sexualidade a partir de uma perspectiva indicativa do contexto social, político e econômico em que estão inseridos, para além do campo cultural; sendo este processo, portanto, um importante elemento formador de identidade (Parker, 2022). Contudo, a assimilação do corpo enquanto constructo social não acaba na materialidade do sujeito.

Para Donna Haraway (2000), os corpos não necessariamente se encerram na pele. Já Derrida (2021) afirma que a natureza se desfaz à medida em que o que existe é, na verdade, a naturalização ou desnaturalização de ações. Sendo assim, o corpo pensado enquanto limite transbordaria para além da territorialidade física.

---

No *webcamming*, estes limites são, de fato, ultrapassados e as subjetividades que demarcam os corpos das profissionais são desterritorializadas. Ainda assim, existentes em um contexto que reproduz as dinâmicas do “mundo real”, estas mulheres convivem diariamente com os estigmas e as expectativas que as constituem enquanto sujeitos atrás das telas. Isto é, seguem fadadas ao que Butler (2023) chamaria de melancolia do gênero, mas também às pressões estéticas que surgem como conjunto integrante do molde que constitui o feminino.

Não obstante, as *camgirls* trabalham em um mercado que pode ser tido como a epítome da hiper-materialidade farmacopornográfica assinalada por Preciado (2020). Ou seja, o sexo virtual é visto como um produto da farmacopornografia; uma “tecnologia ciborgue biossocial” (Preciado, 2017, p. 168).

### **A mulher ideal é real?**

A partir do contexto apresentado, sugere-se, aqui, a observação do surgimento de duas personalidades virtuais distintas: Emily Pellegrini e Alicia Code, mulheres geradas por Inteligência Artificial para comércio de conteúdo em plataformas voltadas ao entretenimento adulto. A primeira delas, Emily Pellegrini, se destacou no início de 2024 ao se tornar tema da reportagem “Conheça a ‘modelo mais gostosa do mundo’, que tem chamado atenção de jogadores de futebol famosos, lutadores de MMA e bilionários – mas ela é tudo o que parece?”<sup>4</sup>, publicada no portal digital do jornal britânico Daily Mail.

Na ocasião, o mundo descobriu que Emily – até então, uma suposta modelo de 23 anos – na realidade havia sido criada há apenas quatro meses, através de parâmetros estabelecidos pelo chatbot ChatGPT ao receber a seguinte pergunta: qual é a garota dos sonhos de um homem comum?

Antes disso, no entanto, sites de menor alcance, como o também britânico Daily Star (conhecido por ter uma página voltada à divulgação de imagens de mulheres bonitas), já haviam mencionado a existência da persona digital: “Linda ‘modelo’ arrecada US \$ 10 mil em seis semanas – mas há uma verdade assustadora por trás das fotos”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-12877501/ai-model-footballers-billionaires.html>. Acesso em: 26. jun. 2024, às 17h23.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.dailystar.co.uk/real-life/gorgeous-model-rakes-10k-six-31427704>. Acesso em: 26 jun. 2024, às 17h38.

No Brasil, a descoberta de Emily (que, à época da publicação da reportagem no Daily Mail, contava com cerca de 200 mil seguidores no Instagram) foi vista com maior entusiasmo: “Conheça Emily Pellegrini, modelo criada por inteligência artificial que está arrebatando corações<sup>6</sup>”; “O que se sabe sobre Emily Pellegrini, a modelo que não existe e enlouquece famosos e milionários<sup>7</sup>”. A existência de Pellegrini repercutiu o suficiente para enfatizar que os brasileiros estavam alheios, por exemplo, à existência de sua própria modelo gerada por IA.

Figura 1 – Emily Pellegrini, modelo gerada por IA



Fonte: Diário Carioca<sup>8</sup>

Criada pelo brasileiro Gustavo Magalhães (que se apresenta como especialista na área de IA e inovação), em agosto de 2023, Alicia Code é uma personalidade virtual cujo objetivo é, assim como no caso de Emily Pellegrini, gerar lucro através da comercialização de conteúdo erótico no digital. Para ambas, a porta de entrada na sociedade se dá pelas redes sociais, mais especificamente pelo Instagram, onde os primeiros conteúdos são publicados com a intenção de fisgar a clientela e direcioná-la

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/conheca-emily-pellegrini-modelo-criada-porinteligencia-artificial-que-esta-arrebatandocoracoes,33cf29e0e0ab255d2583e9b9771c9b743o9lpoex.html>. Acesso: 26 jun. 2024, às 17h46.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/o-que-se-sabe-sobre-emily-pellegrini-a-modelo-que-naoexiste-e-enlouquece-famosos-e-milionarios,ddffb6bfe910509334b93dd10bb2dccbzcfc54mc6.html>. Acesso: 26 jun. 2024, às 18h03.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.diariocarioca.com/economia/emily-pellegrini-leva-cantadas-de-astros-do-esporte-e-ricos-mas-foi-criada-por-ia/>. Acesso em: 23 ago. 2024, às 22h37.

para as plataformas de entretenimento adulto – espaço em que os conteúdos eróticos são adquiridos por assinatura. Enquanto Emily está associada à plataforma internacional Fanvue, no entanto, a imagem de Alicia está atrelada à Privacy, plataforma brasileira conhecida por enviar camisas com sua logo para tornar suas modelos reais reconhecíveis. Apesar de virtual, Alicia também conta com sua própria camiseta como distintivo profissional.

Figura 2 – Alicia Code, modelo gerada por IA



Fonte: Instagram<sup>9</sup>

E, embora uma seja morena e a outra loira, ambas são tidas como mulheres dos sonhos, com curvas acentuadas, magreza destacável, traços finos e suaves, e seios fartos. Todavia, para além dos desdobramentos que a existência destas personalidades no mercado do sexo no digital tem no que tange à lucratividade da profissão, como estas figuras impactam na formação de subjetividade das *camgirls* reais?

Essas personalidades atualizam e adaptam para o digital o “reinado supremo” da boneca Barbie, que, segundo Jaguaribe (2008), extrapola a dimensão recreativa do brinquedo e representa aspirações e desejos reais da sociedade. Mais que isso, as modelos geradas por Inteligência Artificial retratam a opacidade que há entre orgânico e inorgânico (ou real e virtual) na duplicação da figura humana (Jaguaribe, 2008, p. 344). Ou seja, ao ser bonequizado, o corpo feminino é enquadrado em um ideal performativo

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CvChxX8gM-L/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CvChxX8gM-L/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em: 23 ago. 2024, às 22h40.

que só é atingido através da aquiescência a intervenções estéticas voltadas à alteração da imagem feminina (Leal e Becker, 2017).

Além disso, a relação desenvolvida entre consumidores masculinos e bens culturais imateriais deste tipo retratam como muitos corpos são excluídos dos padrões de "amabilidade" devido a conceitos pré-estabelecidos diversos, refletindo as mesmas questões ético-culturais apontadas por Miguel (2019) ao observar relações desenvolvidas por pessoas que mantêm relações com bonecas sexuais físicas.

Para a questão de gênero, esse debate da tecnologia apresenta problemas mais específicos e mais importantes. Pois a produção dos afetos que acontecem nessas instituições, quando chega nas bonecas sexuais, materializa um risco muito grande de reproduzir o corpo sexualizado, utópico e eurocêntrico que se apresenta na mídia. Elas não envelhecem, não adoecem, os pelos ficam sempre no mesmo tamanho (quando têm), não tem problemas psicológicos, são customizáveis mesmo depois da compra e não morrem. [...] Mas, aquela boneca não é apenas "um objeto", é a personificação do que foi historicamente definido como feminino (Miguel, 2019, p. 169).

Com relação ao gênero, a tecnologia reproduz estereótipos problemáticos, já que as modelos geradas por IA eternizam-se em uma imagem idealizada e constante, sem as complexidades do envelhecimento, da saúde física ou questões psicológicas.

Este cenário floresce no Brasil devido a um conjunto de contextos, que vão desde o fato de o *webcamming* existir em plataformas precárias (Caminhas, 2021), até o próprio pressuposto de que, na internet, todos os usuários já possuem as habilidades e o suporte necessários para serem cidadãos digitais ativos. Na prática, contudo, elites digitais dominam a esfera pública online. E isso se dá, porque, conforme aponta Schradie (2017, p. 89), em uma sociedade neoliberal em rede, o foco é no indivíduo, deixando a responsabilidade de engajamento digital e político a cargo das conjunturas pessoais de cada um, sem garantir igualdade de acesso.

Deste modo, a padronização da imagem feminina opera não apenas em favor da manutenção do gênero enquanto distintivo de poder, mas também contribui para a manutenção da força dinâmica (sistemática e burocrática) que existe nas instituições privadas (Schradie, 2017). Lá, não há espaço para revolução social e, portanto, ainda que, dentro das plataformas de *camming* existam outras pessoas oferecendo serviços – como *camboys* e *camtheys* –, é necessário manter as mudanças sociais (incluindo a desconstrução dos padrões de performance de gênero) sob controle, de modo que não se tornem um impeditivo à liberdade empresarial, mas sim um fator responsável por agregar lucro ao negócio.

---

Tendo isso em vista, evidenciar o cenário ao qual estão expostas estas profissionais com a ascensão das modelos geradas por IA é um caminho possível para a produção de veios nas estruturas de poder operantes nas plataformas digitais, bem como para fomento à resistência e fortalecimento da identidade feminina enquanto um coletivo interseccional (hooks, 2019).

As mulheres precisam saber que podem rejeitar as definições sobre a realidade em que vivem oferecidas pelos poderosos, que podem fazê-lo mesmo sendo pobres, exploradas ou vivendo em circunstâncias opressivas. Precisam saber que o exercício desse poder pessoal básico é um ato de resistência e de força (hooks, 2019, p. 141).

Neste sentido, produzir estas fissuras são o primeiro passo para o enfrentamento à realidade vivenciada não apenas para *camgirls*, mas também para todos os profissionais subjugados à plataformização do trabalho.

### **Conclusão**

Ao longo do estudo, identificou-se que a plataformização assume papel importante em três processos distintos, mas imbricados: a desumanização do trabalhador vinculado às plataformas; a desterritorialização do trabalho; e a descaracterização dos vínculos subjetivos que constituem o indivíduo em rede e fora dela também. Olhando para este fenômeno pelo prisma do mercado sexual no digital, outros atravessamentos que podem ser considerados demarcadores das características do nicho avaliado foram observados.

Com o emergir de figuras geradas por Inteligência Artificial no *webcamming*, é possível perceber como a performatividade apontada por Butler (2023) é, de fato, um processo discursivo, em que a bonequização da mulher e a repetição do ideal inatingível de mulher perfeita se inscrevem no virtual para a consolidação, agora em rede, do entendimento sobre o que se espera do feminino. Entende-se que é a partir da naturalização da existência (e do consumo) de figuras como estas que se naturaliza o discurso acerca do corpo feminino, tornando o corpo bonequizado algo a se almejar e colocando à margem corpos que não atendam a este elevado (e inumano) padrão.

Mais que isso, ao esbarrar com Emily Pellegrini, Alicia Code ou qualquer outro modelo gerada por IA para entretenimento adulto, percebe-se que o recado é claro: a

---

mulher perfeita é branca, magra, cara e inatingível. E o corpo feminino, no Brasil ou na Inglaterra, segue sendo viabilizador do lucro masculino.

Entende-se, então, que a demarcação das singularidades dos corpos reais torna-se fundamental enquanto ferramenta para o enfrentamento à imagem da “mulher ideal”/mulher bonequizada presente no imaginário popular.

### Referências bibliográficas

ABÍLIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. **Uberização e plataformação do trabalho no Brasil**: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, v. 23, n. 57, p. 26–56, 2021.

VEIGA, M. J. A.; ALMEIDA, G. Trabalho sexual de plataforma e precariedade: uma análise de interações no Reddit entre criadoras de conteúdo pornográfico do Onlyfans. In: MARQUES, A. S.; GENEROSO, I. M.; OLIVEIRA, I. de L. **Pesquisar em contextos de exceção**: desafios da Comunicação Organizacional. Belo Horizonte: AFICH/PPGCOM/UFGM, 2023, 242 p.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CAMINHAS, L. Precarity revisited: Exploring camming work in Brazil and experiences of precarity in platform-based (erotic) content production. **International Journal of Cultural Studies**, p. 13678779241244410, 2024.

CAMINHAS, L. Webcamming erótico comercial: nova face dos mercados do sexo nacionais. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 1, p. e184482, 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DERRIDA, J. **Donner le temps II**. Seuil, 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GATTO, F. G. Desnudamientos: de los cuerpos dóciles a las desnudeces indómitas. In: CAMINADA, L.; GONÇALVES, F. **Políticas e narrativas do corpo**. Corrientes: Editorial de la Universidad Nacional del Nordeste EUDENE; Perugia: Ceneri Rosse, 2020.

GROHMANN, Rafael. Financeirização, mediatização e dataficação como sínteses sociais. **InMediaciones de la Comunicación**, v. 14, n. 2, p. 97-117, 2019.

- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.
- HARAWAY, D. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.
- hooks, bell. **Teoria feminista**. Editora Perspectiva SA, 2019.
- JAGUARIBE, B. Crônica da boneca desejada: fantasias da vida virtual. *In*: ANTOUN, H., org. **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad; 2008. p. 225-41.
- KALIL, R. B. Capitalismo de plataforma. *In*: \_\_\_\_\_. **A regulação do trabalho via plataformas digitais**. São Paulo: Blucher, 2020, p. 67-97.
- LEAL, T.; BAKKER, B. **A mulher bioquímica**: invenções do feminino a partir de discursos sobre a pílula anticoncepcional. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, [S. l.], v. 11, n. 3, 2017.
- LOURO, G. L. Heteronormatividade y homofobia. *In*: **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília, DF: MEC/Unesco, p. 86-94, 2009.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2018.
- MAGALHÃES, R.; VENDRAMINI, A. **Os impactos da quarta revolução industrial**. GVEXECUTIVO, v. 17, n. 1, p. 40-43, 2018.
- MIGUEL, V. M. **Discutindo amor romântico**: classe média, cultura terapêutica e neoliberalismo. 2021. Dissertação (Mestrado em Culturas e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- PARKER, R. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- PRECIADO, P. B. **Pornotopia**: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, 2003.

SCHRADIE, Jen. **Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe**: um imposto virtual em relação à política digital. *Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 85-99, 2017.

SUZINA, A. C. Mídias populares e assimetrias políticas na democracia brasileira em tempos de ruptura digital. In: PERUZZO, Cicilia; GABRIOTTI, Rodrigo; BERTI, O. **Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil**. Teresina: EdUESPI, 2022.

VENTURA, M. M. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. In: *Revista SoCERJ*, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.